

## EDITORIAL/APRESENTAÇÃO



### Por uma Geografia Escolar Crítica

**A** Revista GeoSertões tem a satisfação de colocar à disposição dos leitores o dossiê “*Por uma Geografia Escolar Crítica*”. O referido dossiê nasce das urgências históricas do tempo do presente, no qual a perversidade sistêmica da globalização do capitalismo neoliberal se impõe. Esse período da história humana vem se amparando nas tecnologias da informação e em parâmetros normativos que reforçam o caráter ubíquo do capital e solapam ou precarizam o trabalho. Isso tem aprofundado as desigualdades sociais e espaciais e, portanto, as contradições inerentes às formações socioespaciais regidas pela economia de mercado. Nasce, também, da insatisfação dos autores com as políticas curriculares e educacionais em geral, que, ao considerar a educação como serviço a ser buscado no mercado e ao adotar modelos pedagógicos pragmáticos para os sistemas de ensino, que reduzem ao papel de formar visando a preparação para o trabalho e proclamar as excelências do livre mercado e da livre iniciativa, têm se resumido a atender às margens corretivas e interesseiras do capital. Isso tem interditado as pedagogias histórico-críticas e extirpado a Geografia Crítica dos sistemas de ensino, o que dificulta a leitura espacial dessas contradições por parte de professores e alunos no processo ensino/aprendizagem da Geografia Escolar. Essas questões foram observadas, pelos autores, a partir da realidade brasileira contemporânea.

Para além da urgência do presente dossiê, ele representa também a comemoração da **Revista GeoSertões** que chega ao seu número 10. Apesar das dificuldades enfrentadas por este ser um periódico sediado no interior do país, ou melhor, no(s) Sertão(ões) e a “margem” dos grandes e tradicionais centros universitários, seguimos resistindo e persistindo para não sucumbir. O dossiê ora disponibilizado ao nosso público leitor é a maior prova que estamos conseguindo vencer as adversidades e nos fortalecer. Somos gratos a todos e todas que colaboram e têm acreditado na **Revista GeoSertões**.

- \*\*\* -

### Apresentação do dossiê

O dossiê traz estudos de releitura e a incorporação de novas abordagens e temas para a Geografia Escolar Crítica, o que traduz a pluralidade de ideias, teorias e temáticas dos seus autores. Assim, para uma melhor compreensão, passamos a sintetizar o conteúdo de cada artigo.

**Paulo Sérgio Cunha Farias**, no ensaio intitulado *A Geografia Escolar Crítica e a formação para a cidadania*, discute o papel da educação fundamentada na filosofia da práxis e a educação geográfica na Geografia Escolar Crítica como instrumentos necessários à superação do modelo de sociedade brasileira atual e da sua cidadania atrofiada, mutilada e amputada, traduzida na figura do

cidadão produtivo e consumidor, que as propostas curriculares pragmáticas oficiais contemporâneas objetivam a formar. Considera, ainda, que a Geografia Crítica Escolar, por possibilitar a leitura das contradições do espaço, pode contribuir para a formação da consciência política necessária às lutas para a edificação da cidadania real, integral, irrestrita e concreta.

**João Manoel Vasconcelos Filho**, no seu artigo *Reflexões sobre a importância da Geografia Crítica na formação do ator ativo, consciente e crítico para a compreensão dos espaços que frequentam e habitam*, analisa a relevância e as contribuições da Geografia, em geral, e da Geografia Crítica, em particular, para a construção do ser social ativo, participativo e consciente de sua história e do cotidiano vivido nos diferentes espaços em que mora e frequenta. Para isso, a leitura do espaço e da cidade se torna condição ímpar ao entendimento da teia de relações sociais construídas e impostas, pelo Estado, o mercado e suas instituições, à classe trabalhadora. Especifica que essa teia de relações nos espaços de moradia, na escola e na cidade limitam e impedem o processo ensino/aprendizagem conscientizador da Geografia nos sistemas de ensino brasileiros.

**Genylton Odilon do Rego Rocha e Elany Cristina Barros da Silva**, no texto *O ensino de geografia na perspectiva da cidade educadora*, apresentam uma discussão teórica sobre o ensino da disciplina geográfica na educação básica a partir da cidade educadora enquanto perspectiva de seleção, organização e construção do conhecimento a ser trabalhado nas aulas. Esclarecem que esse perspectiva educativa possibilita, ao ensino de Geografia, o redescobrimto da cidade e a ampliação da noção do espaço de aprendizado, ao tomá-la em sua totalidade/totalização como um espaço educativo.

**Gleydson Pinheiro Albano**, na reflexão *Geografia Agrária na sala de aula: novos desafios para entender o “novo rural”*, elabora uma proposta direcionada aos professores de Geografia, com o objetivo de fazê-los refletir sobre alguns temas importantes e atuais da Geografia Agrária na sala de aula. Com isso, chama a atenção sobre as novas dinâmicas do espaço agrário, apresentando-as na perspectiva geográfica crítica.

**Marlene Macário de Oliveira**, no ensaio denominado *O estudo do meio e o (re) pensar a prática de ensino na perspectiva crítica da Geografia*, discute a contribuição da metodologia do estudo meio a partir do *lôcus* da Geografia Crítica. Sua análise evidencia que, com essa metodologia nessa perspectiva teórica do ensino da Geografia, é possível construir um olhar crítico e investigativo sobre a cidade e o processo de urbanização contemporânea, incluindo a crítica à exclusão, à pobreza, à violência, aos diferenciados tipos de segregação no currículo escolar, ao reconhecimento das identidades socioespaciais, contribuindo, assim, para a emancipação dos sujeitos e o exercício da cidadania.

**Ângela Massumi Katuta**, no artigo *A Cartografia Escolar no movimento da Geografia Crítica: elementos para debates*, evidencia os desafios inerentes à Cartografia e Geografia ensinadas em um movimento mais amplo de democratização das relações sócio territoriais em âmbito planetário;

problematiza os limites e desafios da Cartografia Escolar; defende que a Geografia e a Cartografia estão fortemente imbricadas; demonstra que, historicamente, os mapas foram instrumentos de poder dos grupos hegemônicos; esclarece que, no Brasil, o fortalecimento do Estado democrático de direito, das instituições e grupos que atuaram junto aos movimentos populares para pôr fim à ditadura, ampliaram os produtores e usuários de mapas, que passaram a diversificar, ampliar e interrogar o repertório cartográfico existente para a defesa dos direitos às suas geografias historicamente negadas, sobretudo, aqueles ligados ao reconhecimento dos seus territórios e territorialidades. Finaliza a reflexão abordando a constituição do campo de conhecimento denominado Cartografia Escolar no contexto da Geografia Crítica, apontando seus desafios, sobretudo, no que se refere ao âmbito do ensino de Geografia voltado ao entendimento dos diferentes modos de estar no mundo, fundados na solidariedade e na defesa de vida digna para todos os seres vivos.

As professoras **Maria Francineila Pinheiro dos Santos** e **Mariana Guedes Raggi**, no texto *A Geografia Crítica no contexto do Estágio Supervisionado*, tecem reflexões sobre como vem sendo discutida e/ou não a Geografia Crítica no âmbito do estágio supervisionado em Geografia na UFAL, oportunizando o entendimento de demais questões, que podem estar, diretamente e/ou indiretamente, associadas aos percalços encontrados no ambiente escolar.

**Sérgio Luiz Malta de Azevedo** e **Josandra Araújo Barreto de Melo** assinam o texto *A Geografia Crítica nas experiências do PIBID*. Nele, apresentam algumas práticas desenvolvidas com o Programa de Iniciação à Docência (PIBID) na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB e Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, no período de 2012 a 2020. Destacam, nesse estudo, que a formação inicial embasada nas tendências críticas de ensino de Geografia, com destaque para método dialético, deveria se materializar e difundir-se no currículo da escola básica, através da dimensão crítica na Geografia escolar.

**Sonia Maria de Lira**, na reflexão intitulada *A geografia crítica: um olhar sobre a diversidade na educação geográfica*, verifica como algumas normatizações e documentos curriculares ressaltam sobre as diversidades, através das relações nos microespaços, envolvendo especificamente indígenas, negros e mulheres. Discute como a Geografia Crítica pode contribuir com essas reflexões através da disciplina escolar. Conclui que, a Geografia Crítica, pela sua característica militante, precisa ampliar suas análises sobre tais temáticas, influenciando os espaços educacionais e contribuindo para a formação cidadã comprometida com as mudanças socioespaciais.

**Aiala Colares de Oliveira Couto**, no artigo *A questão racial e a Geografia Escolar Crítica: caminhos para uma educação antirracista*, enfatiza que, no movimento da chamada Geografia Crítica, as questões étnicorraciais foram negligenciadas ou invisibilizadas nos vários debates que trouxeram temas pertinentes que tratavam das contradições históricas da relação capital e

trabalho. Todavia, destaca que o racismo se constituiu como uma ferramenta importante na estruturação do capitalismo e, por isso, vários problemas de ordem política, econômica, social e cultural têm suas bases na ideia de raça. Portanto, o ensino de Geografia escolar Crítica deve incorporar as pedagogias antirracistas na sala de aula e nas escolas, contribuindo para o enfrentamento ao racismo.

**Virgínia Célia Cavalcante de Holanda**, no ensaio *O ensino de Geografia nos anos iniciais: o lugar em Milton Santos como ponto de partida*, esclarece que a perspectiva do trabalho com o lugar é apontada como uma ponte para os alunos dos anos iniciais desenvolverem a capacidade de identificar e refletir sobre os diferentes aspectos da relação dialética sociedade-natureza, base necessária a efetivação de uma Geografia Crítica no processo de leitura do espaço nos anos subsequentes. Suas reflexões ocorrem em diálogos com diversos autores do campo da teoria crítica, mas ancoradas, sobretudo, nas contribuições do geógrafo Milton Santos para compreensão do conceito do lugar, pensando-o dentro da dialeticidade da totalidade-mundo.

**Alcindo José de Sá**, no texto *Caminhos pedagógicos no período histórico atual: esteios à construção de uma “prisão” racionalista/instrumental de seres alienados e maquínicos, ou uma ágora de “razão e emoção” libertadoras e cidadãs?*, aborda, com base na Geografia, Filosofia e várias áreas correlatas, os percursos pedagógicos do período histórico contemporâneo, buscando compreender seu papel de destaque na estruturação das sociedades brasileira e global baseadas em padrões civilizados (*civitas*) de cidadania e pertencimento territorial. Salienta, entretanto, que as articulações entre a razão e o dinheiro, o Estado e o mercado sedimentaram uma base disciplinar pedagógica matematicamente fria e calculada, alienante e alienada, destinada a pensadores e fazedores maquínicos e burocráticos, bem como a trabalhadores dotados apenas de sua força de trabalho como mercadoria vil. No entanto, diante da fragmentação e da precariedade atual do trabalho e do mundo, afirma que a história ainda sequer começou. Nesse contexto, alerta que, para uma sobrevivência humana civilizada, é necessário criar/ resgatar uma *paideia* em que a economia não seja mais o fulcro, a base de todos os valores da sociedade, mas, antes, um simples apêndice, promovendo o resgate de uma sociedade baseada na verdadeira política. Nesse sentido, defende que, no processo histórico atual e, em última instância, no processo de ensino/aprendizagem, o cálculo não deverá ir ao encontro do coração e da carne viva. Portanto, o ensino de conhecimentos relevantes deve ser, em primeiro lugar, uma iniciação no âmbito da contextualização, no caso brasileiro, da sua precariedade ambiental e social.

- \*\*\* -

## Apresentação do artigo

Na seção de artigos, no presente número contamos com a contribuição de **Rejane do Nascimento Silva e Sérgio Murilo Santos de Araújo**. Esses pesquisadores nos apresentam o estudo *Riscos e vulnerabilidades*

*socioambientais decorrentes de eventos climáticos e geomorfológicos na cidade de Campina Grande–PB*, que tem por objetivo oferecer os resultados da pesquisa que analisa os riscos naturais e as vulnerabilidades sociais decorrentes de eventos climáticos e geomorfológicos na área urbana de Campina Grande-PB. Os resultados mostraram que a cidade possui áreas de risco e setores que possuem nível elevado de vulnerabilidade, principalmente nas margens do perímetro urbano, contrastando com o baixo nível de vulnerabilidade social verificado na área central da cidade. Os autores concluem que os mecanismos de defesa civil ainda são insuficientes, notadamente no que diz respeito a educação para a redução de riscos de desastres (ERRD) das áreas vulneráveis.

- \*\*\* -

Esperamos ter cumprido com os objetivos estabelecidos pelo dossiê, que é o de propor a leitura crítica do real - o espaço geográfico, por professores formadores, professores e alunos de Geografia da Educação Básica. Da mesma forma dos objetivos propostos para dossiê, almejamos o mesmo dos artigos que também compõem este número. Por fim, desejamos ao leitor uma boa leitura!



***Paulo Sérgio Cunha Farias***

Editor do Dossiê

***Santiago Andrade Vasconcelos***

Editor-Gerente/Editor da Revista GeoSertões

# DOSSIÊ

*“Por uma Geografia Escolar Crítica”*

